Acervo ISA

LUX JORNAL
DIÁRIO DE CUIABÁ
CUIABÁ — MT
PUBLICADO EM: *3 DE 7 1996
138
5
190
152

ESPECIAL II

Índios travam luta desigual por Sararé

Os conflitos, com episódios violentos de lado a lado, marcam história da reserva; há duas semanas, índios foram espancados por madeireiros

RUBENS VALENTE
Do Enviado Especial à Reserva Sararé

Os 79 nhambiquaras da Reserva Sararé, a 540 km de Cuiabá, vivem acuados em sua própria terra, cercados pela ação de pelo menos 150 madeireiros, ao Norte e Oeste, e 8 mil garimpeiros, ao Sul. Os conflitos se acentuaram desde o início do ano. A reação dos nhambiquaras, armados com espingardas e revólveres, já deixou incendiados oito caminhões e máquinas de madeireiros, desde janeiro, segundo o ex-chefe do posto indígena da Funai, Elias Penno, 23, que permanece na área com apoio dos índios.

DOCUMENTO SARARÉ EXCLUSIVO

Há um mês, por pouco houve um massacre de madeireiros na reserva, quando os índios amarraram 10 invasores, despejaram gasolina sobre seus corpos e ameaçaram queimá-los vivos. Os índios foram convencidos do contrário por funcionários da Funai, o que não pôde ser feito em 92, quando quatro madeireiros foram mortos pelos nhambiquaras.

A invasão na reserva, com a conseqüente abertura de estradas no meio das matas e movimentação de máquinas, tratores, caminhões e dragas, espantam a caça, poluem rios e córregos e impedem a locomoção dos índios a outras partes da área, onde pescavam e coletavam frutas há poucos anos.

Uma epidemia de malária, provavelmente trazida dos garimpos, já matou nove nhambiquaras, desde 1986, além de outras mortes, principalmente de crianças, associadas à varíola e desinteria.

O clima é tenso na aldeia, depois que cerca de 12 madeireiros espancaram 14 índios e deixaram amarrada, por mais de oito horas, metade da aldeia, no dia 16 de novembro. O cacique Américo Katithaurlu, de 60 anos, narrou ao DIÁRIO DE CUIABÁ detalhes dramáticos do ataque dos madeireiros, como a tentativa de estupro da índia Judith, que conseguiu desvencilhar-se de três agressores.

Dois bebês, Márcia e Rubens, filhos dos índios Elisabeth e Linda, passaram o dia inteiro em poder dos madeireiros, que os colocaram próximo a um formigueiro no meio da mata. No final da tarde, eles foram devolvidos porque um madeireiro discordou da crueldade dos colegas.

Os invasores dispararam vários tiros na direção do nhambiquara Daniel, que escapou correndo para o mato. Por causa de coronhadas desferidas nas bocas, foram feitas 11 extrações de dente na aldeia. O cacique Américo _ que levou um golpe de carabina no rosto e chegou a desmaiar _ terá que ser submetido a uma operação plástica para recompor o lábio inferior.

Todos os cadeados do posto indígena foram arrebentados a tiros. Os madeireiros fugiram levando seis motocicletas, 20 armas de fogo e duas camionetes Toyota. Segundo a Funai, boa parte do material havia sido apreendido pelos índios em poder de invasores, um dia antes do ataque.

Os índios, agora sem revólveres e espingardas, partiram para as armas tradicionais, confeccionando arcos e flechas de taquara. "Se não forem tomadas providências, os índios correm risco de extinção. Eles tentam resistir da forma como podem", explica Penno. Os conflitos, embora mais ocasionais, também ocorrem com os garimpeiros. Há cerca de 30 dias, índios e funcionários da Funai detiveram nove garimpeiros e apreenderam dois motores de dragas dentro da reserva.

José Luiz Medeiros

O cacique Américo mostra como foi amarrado pelos madeireiros que invadiram a reserva e espancaram os índios

Resistência dramática por terra ancestral

Do Enviado Especial

A trajetória dos nhambiquaras da Reserva Sararé tem lances dramáticos anteriores à invasão da área por garimpeiros e madeireiros. Na década de 70, os índios, atacados por epidemias de varíola e malária, foram removidos em helicópteros da Força Aérea para a Reserva Indígena Nhambiquara, de cerca de 1,1 milhão de hectares, criada pelo governo militar para reunir os 12 subgrupos dos nhambiquaras, ou cerca de 540 índios, quando da construção da rodovia BR-174.

Os índios, acostumados com as matas de Sararé, não se adaptaram à região, de cerrado. Logo começaram a regressar para sua terra original, andando até 200 quilômetros. No caminho, muitos morreram. Em abril de 85, o governo teve que reconhecer o território, junto com a reserva Vale do Guaporé, para a qual também regressaram outros índios.

Em 87, houve novo surto de malária, e a Funai teve que removê-los para outro ponto da reserva, 4 km a Leste.

Os nhambiquaras de Sararé, do subgrupo katithaurlu, cultivam pequenas plantações, caçam e pescam (mesmo as crianças, ainda hoje inclusive com as mãos). Os mais velhos permanecem nus, resistindo ao processo de aculturação, e até dormem na mata, quando estão caçando e querem surpreender os porcos, antas e macacos-pregos. Os mais jovens já usam calções e aprendem a dirigir carros e motos.

Os nhambiquaras têm (ou melhor, tinham) um jeito muito próprio de demarcar seu território: eles consideravam terra deles até onde pudessem ir a pé. Hoje, quase não conseguem caminhar na própria reserva. (RV)

VIDE - VERSO

Acervo ISA

Cacique Américo chora peixes, animais e silêncio perdidos

Do Enviado Especial

"Muito barulho no coração", repete o cacique Américo Katithaurlu, 60, apontando para a região sul da aldeia, onde se multiplicam as dragas dos garimpos que invadem a reserva Sararé. De noite, explica, a reserva dorme ouvindo a música sertaneja das boates da "currutela", uma cidade de lona com cerca de 6 mil garimpeiros, instalada no garimpo "Ferrugem IV" e, de dia, pode-se ouvir os motores das dragas em pleno vapor.

Com palavras entrecortadas e gestos fortes, o cacique lamenta a devastação da aldeia: "(No) Mato não tem nada, não tem bicho. Muita matança de peixe".

Américo, que domina poucas palavras do português, tenta expressar ao DIÁRIO a tragédia dos nhambiquaras. "Lagoa (ao sul) tinha muita traira, bagre. (Agora) Garimpeiro mora lá. Índio não vai". Os invasores estão afugentando a caça, principalmente a anta e o porco-do-mato, que os índios chamam de "porcão".

Américo conta que na região do Córrego do Banhado, a Noroeste da aldeia, os porcos costumavam procurar pontos de barreiros, onde se lambuzavam por causa do sal contido no barro. Agora, além dos animais estarem sumindo, os índios têm que atravessar áreas onde os madeireiros se movimentam atrás das madeiras nobres, como o mogno e a cerejeira, correndo risco de um grave conflito.

O cacique narra como era a reserva há 50 anos, antes dos brancos intensificarem os contatos com a aldeia. "De primeiro, (num córrego ao norte, havia) muito, muito índio. Papai, mamãe, vovô, criança, tudo junto, pegava bagre, traira. Agora acabou". A pesca era feita com balaio, tradição até hoje mantida.

José Luiz Medeiros

"Barulho no coração", diz cacique

Américo repete várias vezes que o único desejo da tribo é que os invasores vão embora, negando que os índios queiram ouro ou dinheiro dos madeireiros. O cacique também nega que a tribo esteja passando fome. "Planta muito, mandioca, batata, não passa fome".

O cacique, que hoje tem três mulheres (a poligamia é comum entre os nhambiquaras), perdeu a primeira porque ela usou um vestido contaminado com variola, deixado por fazendeiros da região perto da aldeia. Agora, ele fica alegre quando fala no aumento dos moradores da reserva (de 76, este ano, para 79). Uma animação logo abandonada, quando o cacique lembra o último ataque dos madeireiros. "Coração triste", diz. (RV)

LUX JORNAL
DIÁRIO DE CUIABÁ
CUIABÁ — MT
PUBLICADO EM: 3 DEZ 1996

138
5

Acervo ISA

PRF não controla madeira saída de reserva

Do Enviado Especial

A delegacia da Polícia Rodoviária Federal (PRF) da rodovia BR-174, na entrada de Pontes e Lacerda, fica a menos de 50 quilômetros da Reserva Sararé, mas não está fiscalizando a passagem de caminhões carregados de toras de mogno e cerejeira.

A rodovia é rota para os caminhões que deixam a reserva em direção a Cuiabá e Várzea Grande, onde, segundo a Funai, é comercializada grande parte da madeira roubada dos nhambiquaras.

O chefe da delegacia na área, o inspetor Manoel Bezerra do Nascimento Filho, 41, disse que aguarda "informações técnicas" do Ibama para colocar em prática um convênio que prevê a fiscalização sobre os produtos de origem vegetal.

O inspetor admitiu que a rodovia é usada como rota de escoamento da madeira retirada de Sararé. "Entre 60% e 70% da madeira nobre da região saem da reserva indígena", contabiliza. O posto tem 36 patrulheiros e cinco viaturas em bom estado, uma estrutura, segundo o inspetor, "suficiente" para atender as ocorrências nos 384 quilômetros da rodovia federal.

As madeiras em Sararé são retiradas com ajuda de fazendeiros que fazem divisa com a reserva indígena ao Norte, segundo denunciam a Funai e Organizações Não-Governamentais (ONGs).

Conforme consulta feita pelo DIÁRIO, o metro cúbico do mogno bruto na Grande Cuiabá custa entre R$ 180 e R$ 350, dependendo da qualidade da madeira. Serrado _ quando se tira as imperfeições, nós e partes estragadas _, passa para R$ 250 a R$ 550. A próxima etapa é a laminação, quando a madeira atinge de R$ 850 a R$ 900 o metro cúbico.

Os custos de transporte, impostos, encargos sociais e margem de lucro, elevam o mesmo metro cúbico laminado para algo em torno de R$ 1,3 mil nas indústrias moveleiras de São Paulo, Paraná ou Rio Grande do Sul. O preço pode até subir 50% se o produto for transportado para o Exterior. (RV)

Funcionário da Funai denuncia corrupção

Do Enviado Especial

O ex-chefe do posto indígena da Funai em Sararé, Elias Penno, 23, disse que remete relatórios mensais pedindo providências quanto à invasão da Reserva Sararé, mas o governo federal nunca toma providências. Para ele, não adianta realizar uma operação que não seja seguida de barreiras fixas e fiscalização permanente. "Os invasores sempre voltam", diz Penno, que estima em 20 árvores de mogno derrubadas todos os dias em Sararé.

O funcionário da Funai _ que foi exonerado há 15 dias e pode ser transferido para outro posto por "questão administrativa" _ disse que tem custeado do próprio bolso, com ajuda de cinco índios aposentados, os gastos com combustível para a Toyota do órgão _ em precárias condições.

Penno não se conforma com a omissão de Brasília. "Até achei que meus ofícios não estavam chegando à Funai, mas depois chequei pessoalmente. Estão todos lá, no Departamento de Proteção Indígena (DPI)". Penno contou que os índios e os funcionários da Funai também têm feito operações de fiscalização da reserva com recursos próprios. Entre os "equipamentos", há uma marreta de quatro quilos, usada pelos índios para destruir os motores de caminhões e tratores dos madeireiros que atolam nas estradas abertas na área.

Penno diz que a corrupção nos órgãos federais dificulta o combate à invasão da reserva. Ele próprio disse ter recebido uma proposta de R$ 6 mil em dinheiro para "afrouxar" a fiscalização na área por quatro dias. Os índios, aliás, estão indignados com dois funcionários da Funai que foram vistos andando com garimpeiros _ fato por si só suficiente para trazer desconfiança aos nhambiquaras.

O índio Saulo, de 16 anos mas já ativo na aldeia, mostrou-se o mais revoltado entre os índios, quando da chegada da equipe do DIÁRIO à reserva na sexta-feira. "Funai só fica falando, falando, não faz nada. Fica demorando, só na conversa. Índios são poucos, não dá para tirar (os invasores) de uma vez", discursou Saulo, quase impedindo que os jornalistas trabalhassem na aldeia. "Filmar não adianta nada", justificou. O cacique Américo interferiu e autorizou a reportagem.

A técnica de enfermagem da Funai Maria José Trindade, 33, que mora na reserva há oito anos, conta que a aldeia enfrentou um surto de malária há cerca de 30 dias, contaminando 25% dos índios. "Com muito trabalho", conta ela, a doença foi controlada. A população indígena tem crescido em Sararé, de 56 pessoas, em 88, para 79 este ano (incluindo três nascimentos em 96).

Maria José lamenta a perda das tradições na aldeia, citando como exemplo a "festa da menina moça" _ na qual as jovens escolhiam seus maridos _, há mais de cinco anos deixada de lado pelos índios. Nessa festa, os índios cantavam e tocavam flautas, além de receber convidados de outras tribos, como a Wasusu e a Alantesu.

A última cerimônia foi gravada em fita cassete pelo cacique Américo. Ele disse ao DIÁRIO que sempre costumava ouvi-la, antes de dormir. No ataque do dia 16, a fita estava entre as coisas roubadas pelos madeireiros. Agora, o cacique quer retomar a cerimônia, para gravá-la de novo. (RV)

LUX JORNAL
DIÁRIO DE CUIABÁ
CUIABÁ — MT
PUBLICADO EM: 3 DEZ 1996